

Responsabilidade domiciliar entre cônjuges de mesmo sexo no Brasil: De quem? Único ou compartilhado?

Palavras-chave: conjugalidade , responsabilidade domiciliar, gênero, casais de mesmo sexo.

Esse trabalho tem o intuito de contribuir para os estudos sobre famílias e domicílios, analisando os arranjos familiares de casais do mesmo sexo a partir dos dados censitários de 2010. Com o intuito de analisar o perfil do responsável pelo domicílio e os domicílios com responsabilidade compartilhada foram utilizados modelos logísticos binários. Os resultados desses modelos indicam perfis de responsáveis distintos entre os casais, sendo homens mais velhos e com uma escolarização superior os que possuem maiores chances de serem declarados como pessoas de referência. Entre as mulheres, as brancas e economicamente ativas têm mais chances de serem as responsáveis. No que se refere aos domicílios compartilhados, as variáveis de tipo de arranjo domiciliar e domicílio com idoso são fatores que afetaram as chances de maneira diferenciada entre os domicílios de homens e de mulheres. Logo, as análises propostas aqui ampliam a discussão sobre as relações de poder intrafamiliares, levando em consideração a composição dos casais segundo características sociodemográficas e a estrutura familiar no qual esses casais estão inseridos sobre essas relações.

Autora: Fernanda Fortes de Lena (Unicamp/IFCH)

Orientadora: Maria Coleta F. A. de Oliveira (Unicamp/IFCH/NEPO);

Co-orientadora: Glaucia dos Santos Marcondes (Unicamp/IFCH/NEPO)

Introdução

Os estudos que se voltam para a responsabilidade do domicílio tiveram um maior reconhecimento quando houve um aumento expressivo da declaração da responsabilidade feminina nos domicílios brasileiros depois dos anos 80. Nos anos 2000, quando o termo “chefe” foi substituído pelo termo “responsável¹” pelo domicílio no Censo, houve um aumento ainda maior de respondentes mulheres que declararam ser responsáveis pelo domicílio (OLIVEIRA, S.; SABÓIA, A.L.; SOARES, B.C., 2002).

Nesse trabalho, a responsabilidade domiciliar tem papel fundamental para compreender quais fatores tem maior peso na hierarquia intrafamiliar entre os casais de mesmo sexo. Logo, tem-se o interesse em identificar quais variáveis aumentam as chances de um dos cônjuges ser apontado como o responsável pelo domicílio. Além disso, são analisado os domicílios desses casais e quais características aumentam as chance de ser um domicílio de responsabilidade compartilhada.

A utilização recorrente das características do responsável do domicílio para caracterizar o domicílio se configura no uso inadequado dessas informações resultando em análises viesadas, pois pressupõe que o responsável seja a pessoa que “toma decisões” dentro do domicílio. No entanto, quando esse pressuposto é quebrado há problemas nas análises (KLEINJANS, 2013). Nesse sentido, a exploração do quesito de responsabilidade compartilhada pode contribuir para essa discussão.

O intuito desse trabalho também diz respeito a desmistificação do caráter “igualitário” que o senso comum pressupõe nas relações entre indivíduos de mesmo sexo. Dessa forma, esse estudo busca demonstrar que a escolha pelo responsável entre os casais se diferencia segundo a composição do casal por sexo.

Uma agenda futura desse trabalho é questionar o próprio termo “responsável pelo domicílio” na relação de parentesco em pesquisas domiciliares. Na década de 70, Harriet Presser escreveu um artigo intitulado “Decapitating the U.S. Census Bureau’s ‘Head of the Household’: Feminist Mobilization in the 1970s”. O texto problematizou a utilização do termo *head of the household* para fazer as relações de parentesco nos Estados Unidos e contou o trajeto feito por ela e outras feministas para finalmente retirar o termo das pesquisas como o Censo.

¹ Segundo o IBGE, pessoa responsável pelo domicílio é uma pessoa (homem ou mulher), de 10 anos ou mais de idade, reconhecida pelos moradores como responsável pela unidade domiciliar. (IBGE, *Notas*

Esse esforço feito pelas feministas americanas na década de 70 nos EUA é uma prova da possibilidade de tornar o instrumento de captação de dados populacionais menos susceptíveis a hierarquização estrutural do questionário. No Brasil, ainda não houve essa quebra na estrutura do quesito de relação de parentesco.

Metodologia

A fim de analisar a responsabilidade domiciliar entre os cônjuges e a reponsabilidade compartilhada no domicílio optou-se por fazer uso de modelos logísticos. Segundo Scott Long (1997), os modelos logísticos binários são utilizados em situações em que se quer perceber a probabilidade de ocorrência de um evento. Dessa forma, tem-se um modelo no qual a variável dependente y_i é igual a 1 quando o evento ocorre e igual a 0 quando ele não ocorre. Esse tipo de modelo é usual nas ciências sociais , representado pela equação:

$$y_i = \beta_0 + \beta_j X_i \quad (1)$$

Na qual a variável dependente (y_i) no primeiro modelo é 0 se não é responsável pelo domicílio e 1 se for responsável pelo domicílio; β_j irá nos fornecer as chances de um fator (X_i) aumentar ou diminuir a probabilidade do evento ocorrer. Dessa maneira, buscou-se encontrar padrões entre esses fatores em relação aos casais de mesmo sexo. A amostra foi separada entre casais de homens e de mulheres, pois um modelo inicial com os dois tipos de casais e uma variável *dummy* de sexo para captar a diferença entre os grupos seguindo o sexo se mostrou menos explicativa. Dessa forma, decidiu-se por mantê-los separados até para fins de comparação entre os dois modelos.

As variáveis explicativas (X_i) utilizadas no modelo são cor/raça, idade, idade ao quadrado, idade relativa entre os cônjuges, nível de instrução, tem filho, renda do trabalho proporcional a renda domiciliar total, se o indivíduo é economicamente ativo e o número de indivíduos no domicílio.

A estimação do modelo é feita pelo método de máxima verossimilhança produzindo estimadores consistentes e assintoticamente normais. Portanto, assume-se que $E(\varepsilon|x) = 0$ e que a variância seja $Var(\varepsilon|x) = \pi^2/3$. O modelo binário utiliza da

distribuição dos erros para o cálculo das probabilidades do evento (y) ocorrer dado as variáveis (x). Nesse sentido, tem-se a equação (2) que representam essas probabilidades.

$$\Pr(y = 1|x) = \Pr(y^* > 0|x) \quad (2)$$

Ao substituir y por $x\beta + \varepsilon$ na equação, chega-se a forma final do modelo logit:

$$\Pr(y = 1|x) = F(x\beta) \quad (3)$$

Na equação (3), F representa a função de distribuição acumulada. Dessa maneira, a probabilidade de observar o evento, dado x é a densidade acumulada calculada para $x\beta$.

A fim de facilitar a interpretação dos modelos, as probabilidades são transformadas em logaritmo das chances, denominado logito, variando entre ∞ e $-\infty$. O logito é representado pela seguinte equação:

$$\Pr(y = 1|x) = \frac{\exp(x\beta)}{1+\exp(x\beta)} \quad (4)$$

A interpretação do modelo com razões de chance é mais simples de ser feita em modelos logísticos. A razão de chance é calculada incluindo a probabilidade de um evento $\Omega(x)$ ocorrer em relação a não ocorrência desse mesmo evento. Essa equação corresponde a:

$$\frac{\Omega(x, x_k + \delta)}{\Omega(x, x_k)} = \exp(\beta_k \delta) \quad (5)$$

Logo, a interpretação das razões de chance são sempre a relação entre um evento ocorrer em relação a não ocorrência desse evento. Por exemplo, se o cônjuge no casal de homens for não-branco em relação a ser branco, quanto isso irá afetar a probabilidade de ser responsável pelo domicílio com as outras variáveis constantes. Essa é a forma mais adequada de interpretação das razões de chances nos modelos logísticos.

Dessa forma, nos modelos das Tabelas 1 e 2 , as categorias que servem como base para interpretar as razões de chance de cada variável explicativa (x_i) seguem

entre parênteses no modelo. Ou seja, em relação a variável cor/raça, a categoria “Branco” é a referência. Na variável nível de instrução, a categoria base é “Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto” e assim sucessivamente. As variáveis contínuas e não categóricas não são interpretadas dessa maneira. No caso de variáveis como idade, a interpretação é o aumento de 1 ano na idade do indivíduo aumenta ou diminui as chances de ser o responsável pelo domicílio. Como se está trabalhando com razões de chance que envolvem probabilidades, a interpretação nos modelos devem ser feitas pensando que numa escala positiva no qual o valor 1 significa que a probabilidade é igual de ocorrência entre todas as categorias. Se a razão de chance estiver entre 0 e 1, aquela categoria diminui as probabilidades daquele evento ocorre. Assim como se a razão de chance da categoria for maior que 1, isso representa uma maior chance de ocorrência do evento analisado.

Responsabilidade domiciliar: De quem?

A base do Censo de 2010 utilizada nesse trabalho corresponde a uma amostra de 10% da população brasileira com representatividade nacional. Nesse trabalho, especificamente, foi feito um recorte destacando os domicílios com casais do mesmo sexo autodeclarados. Esse recorde da amostra expandida é composta de 67.167 domicílios² sendo que 46,12% são domicílios de casais de homens e 53,88% de casais de mulheres. Os parceiros de mesmo sexo representam cerca de 0,18% do total de casais³ contabilizados no Censo de 2010.

Sabe-se que a questão de sexo e gênero envolve muito mais que a condição *anatomofisiológica* a qual o respondente se identifica. O gênero pressupõe uma construção social e cultural do que significa ser uma mulher ou um homem dentro da sociedade. Logo, os resultados desses modelos utilizados trazem para a discussão quais características são comuns e quais são diferentes nas chances de ser o responsável pelo domicílio segundo a composição do casal por sexo.

² A amostra era composta, inicialmente de 67.360 domicílios expandidos. Foram retirados os casais com declaração de cor/raça como ignorado (19 casais) e casais em que pelo menos um deles tinha menos de 15 anos de idade (58 casais). Além disso, manteve-se apenas os domicílios particulares permanentes ocupados, retirando-se os domicílios particulares improvisados ocupados e domicílios coletivos com morador (116 domicílios no total na amostra expandida).

³ Segundo o Censo de 2010 há 37.466.376 domicílios nos quais o responsável pelo domicílio compõe um casal conjugal. Dentre esses casais, 37.399.209 são casais de sexo oposto representando 99,82% do total desses casais.

Tabela 1 – Razões de chance de ser o responsável pelo domicílio entre casais de mesmo sexo, homens e mulheres de 15 a 65 anos ou mais – Brasil, 2010.

Ser responsável pelo domicílio	Casal de homens	Casal de mulheres
Cor/Raça		
(Branco)		
Não branco	1,03 ns	0,92 ***
Informante		
(Outros)		
A própria pessoa	13,38 ***	7,08 ***
Idade		
	1,05 ***	1,03 ***
Idade ao quadrado		
	1,00 ***	1,00 ***
Idade relativa		
(Mais novo)		
Mais velho	2,79 ***	2,16 ***
Mesma idade	1,78 ***	1,49 ***
Nível de instrução		
(Analfabeto e EF incompleto)		
EF completo e EM incompleto	1,29 ***	0,99 ns
EM completo e ES incompleto	1,28 ***	1,08 **
Superior completo	1,16 ***	0,98 ns
Tem filho		
(Não tem filho no domicílio)		
Tem filho no domicílio	2,39 ***	2,85 ***
Renda proporcional		
	1,02 ***	1,02 ***
Economicamente ativo		
(Não está ativo)		
Ativo economicamente	0,95 ns	1,12 ***
Número de pessoas no domicílio		
	1,11 ***	0,93 ***
Constante		
	0,01 ***	0,04 ***
Número de observações	59.666	68.234
Pseudo-R2	0,2928	0,2100
Log da verossimilhança	-29248,57	-37363,43

Fonte: Elaborado a partir do Censo Demográfico de 2010, IBGE.

Nota: *** Estatisticamente significativa a 1%; ** Estatisticamente significativo a 5%; *

Estatisticamente significativo a 10%; ^{ns} Não estatisticamente significativo.

Entre os cônjuges homens, os que tem maiores chances de serem denominados responsáveis pelo domicílio são mais velhos, com maior nível de instrução e com uma maior contribuição proporcional de renda no domicílio. Além disso, se tiver filho no domicílio a chance de ser o responsável dobra em relação ao homem que não tem filho no domicílio. Um outro fator considerado primordial na determinação do responsável pelo domicílio é quem responde ao questionário. Nesse caso, entre os

homens quando a própria pessoa foi quem forneceu as informações no questionário aumenta consideravelmente as chances de ser o responsável (Tabela 1).

Em relação as mulheres, o perfil com maiores chances de ser a responsável pelo domicílio são brancas, mais velhas, que são economicamente ativas e contribuem com uma maior renda proporcional no domicílio em relação aos outros moradores. Ademais, assim como os homens, as mulheres com filhos no domicílio tem maiores chances de serem responsáveis pelo domicílio como pode ser visualizado na Tabela 1.

Comparativamente, as variáveis de nível de instrução tiveram resultados diferentes entre os casais de homens e mulheres. Entre os homens, um maior nível de instrução aumenta as chances de ser o responsável pelo domicílio. Entretanto, para as mulheres o único nível de instrução que aumenta as chances de ser denominada a responsável em relação a ser analfabeta ou com Ensino fundamental incompleto é ter o Ensino médio completo e Ensino superior incompleto. Dessa forma, variáveis relacionadas ao mercado de trabalho parecem ter um peso maior quanto as chances de ser a responsável entre as mulheres.

Outra característica que aumenta as chances entre as mulheres de ser denominada responsável é a cor/raça que para os homens foi não significativo. Ou seja, entre os homens essa variável é indiferente nas chances de ser denominado responsável pelo domicílio. Por fim, entre os homens um membro a mais no domicílio aumenta as chances de ser denominado responsável pelo domicílio em relação a homens com as mesmas características, mas que tenha menos indivíduos morando no domicílio. Para as mulheres, um morador a mais no domicílio diminui em 7% as chances dela ser denominada responsável em relação a uma mulher com as mesmas características, mas que vive num domicílio com menos moradores.

Diante disso, percebe-se que entre os casais de homens e mulheres, há muitos fatores diferentes que aumentam as chances de ser responsável pelo domicílio. Nesse sentido, o interessante é perceber os fatores que influenciam de forma distinta os casais quanto a probabilidade de ser responsável no domicílio. Entre as variáveis descritas anteriormente, o fato da cor/raça ser indiferente entre os homens quanto a determinação da responsabilidade domiciliar pode estar ligado ao fato desses homens serem muito endogâmicos⁴ quanto a essa característica e, portanto, não ser apontado como diferencial entre o responsável e o cônjuge. Além disso, estar economicamente

⁴ Entende-se por endogamia indivíduos que tendem a se casar dentro de um mesmo grupo social (RIBEIRO E SILVA, 2009).

ativo é indiferente entre os homens. Esse resultado, também pode estar relacionado ao fato da maioria dos homens estarem economicamente ativos. Em contrapartida, as mulheres economicamente ativas tem 12% a mais de chance de serem responsáveis pelo domicílio.

Após a caracterização dos prováveis responsáveis, destaca-se um perfil entre os homens que remete a uma hierarquia geracional, na qual o provável responsável pelo domicílio é o mais velho entre os cônjuges. Outro resultado interessante é a questão das mulheres serem mais exôgamicas⁵ quanto a cor/raça o que, inicialmente, nas análises sobre seletividade denotam uma certa indiferença quanto as normas sociais que criam barreiras entre relacionamentos interracialiais. No entanto, essa variável capta uma desigualdade racial vivida pelas mulheres não-brancas que muito provavelmente ocupam cargos com menor prestígio social. Logo, por mais que os casais de mulheres constituam uma proporção maior de uniões interracialiais, esse resultado torna explícito uma hierarquia interna através da maior chance de mulheres brancas serem denominadas responsáveis pelo domicílio.

Entre os homens, os fatores que simbolizam essa hierarquia entre os cônjuges são a idade e o nível de instrução dos indivíduos. Essas variáveis denotam que um possível *status* social advindo de um maior nível de instrução, assim como uma idade superior pressupõe uma hierarquia são fatores que tem maior peso nas chances de um dos cônjuges homem ser o responsável. Logo, a responsabilidade domiciliar entre os homens e mulheres sugerem ter significados diferenciados para os respondentes.

Esse primeiro modelo de responsabilidade domiciliar aponta algumas relações de hierarquia existentes entre os casais. Diante disso, o modelo a seguir de responsabilidade compartilhada tenta demonstrar entre os domicílios de casais de mesmo sexo quais tendem a uma responsabilidade considerada mais igualitária por constituir um domicílio no qual a responsabilidade é de mais de um morador.

Domicílios com responsabilidade única ou compartilhada

Há um quesito anterior a relação de parentesco no questionário do Censo de 2010 que questiona se o domicílio é de responsabilidade de um único morador ou mais de um morador. Após a caracterização do perfil do cônjuge com maiores

⁵ Exogamia, pode ser entendido como uniões entre pessoas de diferentes grupos sociais (RIBEIRO E SILVA, 2009).

chances de ser o responsável pelo domicílio, sentiu-se a necessidade de complementar essa análise testando os domicílios com probabilidades de terem respondido que o domicílio era de responsabilidade compartilhada.

Diferente do modelo anterior, as variáveis explicativas desses modelos são referentes ao domicílio e não ao indivíduo. Logo, esses modelos buscam testar quais fatores influenciam na probabilidade do domicílio ser de responsabilidade compartilhada separando por domicílios de casais de homens e casais de mulheres. A escolha por separar esses domicílios estão calcados nos diferenciais encontrados em alguns estudos qualitativos sobre casais de homens e mulheres (HEILBORN, 2004; GROSSI, UZIEL & MELLO, 2007), assim como os resultados dos modelos anteriores que apontaram para diferenciais no perfil mais provável de responsável pelo domicílio. Espera-se que hajam diferenças quanto as variáveis domiciliares que aumentam as chances do domicílio ser de responsabilidade compartilhada.

Diante disso, foram inseridas variáveis do domicílio como condição de ocupação (imóvel próprio, imóvel alugado, cedido, etc.), localização nas grandes regiões brasileiras, tipo de arranjo familiar, renda domiciliar per capita, se há idosos maiores de 65 anos no domicílio, o nível de instrução máxima no domicílio e mediana da idade dos moradores do domicílio. Essas variáveis foram escolhidas devido a relação que se estabelece entre o domicílio e os indivíduos que nele residem.

Além dessas variáveis foram inseridas características que dizem respeito ao tipo de casal residente no domicílio. Nesse sentido, características como ser homogâmico⁶ em relação ao nível de instrução, ser homogâmico em relação a cor/raça e a diferença de idade entre os cônjuges diferenciam o tipo de casal que reside no domicílio. Ademais, foi criada uma variável que especifica quem respondeu ao questionário se foi um dos cônjuges, ambos os cônjuges ou outro morador. Essas variáveis que caracterizam os casais quanto a seletividade nos permite perceber se há alguma relação entre os parceiros serem similares quanto as características sociodemográficas e as chances do domicílio ser de responsabilidade compartilhada. Dessa forma, coloca-se em discussão a hipótese de que os casais que buscam relações mais igualitárias seriam mais homogâmicos quanto as características de idade, cor/raça e nível de instrução.

⁶ Entende-se por homogamia indivíduos que tendem a se casar dentro de um mesmo grupo social (RIBEIRO E SILVA, 2009)

O modelo na Tabela 2 indica que os domicílios de casais de homens com maiores chances de ser de responsabilidade compartilhada são de casais com filhos mais não parente e casais com filhos mais parente e não parente em relação a casais sem filhos. Já entre as mulheres, o casal sem filhos é o que tem maiores chances de estar num domicílio de responsabilidade compartilhada. Os casais de homens e mulheres residentes nas regiões Sul ou Centro-oeste em relação aos residentes da região Norte são os que tem maiores chances de residirem num domicílio de responsabilidade compartilhada.

Ademais, quanto maior o nível de instrução no domicílio maiores são as chances desse domicílio ser de responsabilidade compartilhada para ambos os tipos de casais. Os domicílios nos quais os cônjuges são homogâmicos em relação ao nível de instrução tem maiores chances de compartilhamento da responsabilidade. Esse maior nível de instrução pode estar relacionado com o fato de indivíduos com maior grau de formação acadêmica buscarem um ideal de igualdade nos relacionamentos. Entretanto, os domicílios nos quais ambos tem a mesma cor/raça tem menores chances de serem de responsabilidade compartilhada que domicílios com casais interraciais. Nesse sentido, hipótese de busca por igualdade nas relações segundo características similares aparenta não fazer sentido para cor/raça. Ou seja, os resultados sugerem que casais interraciais tem maiores chances de declararem compartilhamento da responsabilidade.

Outro fator como quem responde ao questionário influi nas chances do domicílio ser de responsabilidade compartilhada. Logo, se ambos os cônjuges responderam ao questionário as chances do domicílio ser compartilhado é maior. Esse resultado é esperado dado que ambos responderem ao questionário tenderia a um contexto de compartilhamento da responsabilidade.

Tabela 2 – Razões de chance do domicílio ser de responsabilidade compartilhada segundo composição dos casais por sexo – Brasil, 2010.

Responsabilidade compartilhada	Domicílios de casais de homens	Domicílios de casais de mulheres
Pessoa que respondeu (Outro morador)		
Um dos cônjuges	1,26 ***	1,24 ***
Ambos os cônjuges	1,59 ***	1,52 ***
Grande região (Norte)		
Nordeste	0,76 ***	0,94 ns
Sudeste	0,84 **	0,94 ns
Sul	1,18 **	1,28 ***
Centro-oeste	1,36 ***	1,25 ***
Nível de instrução (Analfabeto e EF incompleto)		
EF completo e EM incomp	1,14 ***	0,80 ***
EM completo ES incompleto	1,70 ***	1,25 ***
Superior completo	2,12 ***	2,03 ***
Idade mediana		
Diferença de idade	1,02 ***	1,01 ***
	0,97 ***	0,98 ***
Tipo de arranjo domiciliar (Casal sem filhos)		
Casal sem filhos + parente	0,80 ***	0,79 ***
Casal sem filhos + não parente	0,80 ***	0,93 ns
Casal sem filhos + parente + não parente	0,47 ***	0,93 ns
Casal com filhos	0,52 ***	0,72 ***
Casal com filhos + parente	1,46 ***	0,75 ***
Casal com filhos + não parente	2,40 ***	0,63 ***
Casal com filhos + não parente + parente	2,51 **	vazio
Condição de ocupação (imóvel próprio pago)		
próprio - ainda pagando	1,41 ***	1,32 ***
alugado	1,36 ***	1,48 ***
cedido por empregador	0,63 ***	0,49 ***
cedido de outra forma	0,98 ns	0,91 *
outra condição	1,97 ***	0,87 ns
Ln renda domiciliar per capita	1,01 ***	1,02 ***
Domicílio com idoso >=65 anos	0,72 ***	1,89 ***
Homogamia educacional	1,59 ***	1,21 ***
Homogamia de cor/raça	0,86 ***	0,93 ***
Constante	0,36 ***	0,51 **
Número de observações	30902	35969
Pseudo-R2	0,0496	0,0501
Log da verossimilhança	-19930,82	-23555,70

Fonte: Elaborado a partir dos dados do Censo de 2010, IBGE.

Nota: *** Estatisticamente significativa a 1%; ** Estatisticamente significativo a 5%; * Estatisticamente significativo a 10%; ^{ns} Não estatisticamente significativo

Em relação a condição de ocupação, o imóvel ser alugado ou ainda não quitado aumenta as chances de ser compartilhado. Esse resultado faz sentido, pois a probabilidade dos custos desse imóvel serem compartilhados entre os cônjuges e outros possíveis moradores no domicílio em relação ao imóvel próprio já pago é bem maior.

Uma alta diferença de idade entre os cônjuges também diminui as probabilidades do domicílio ser de responsabilidade compartilhada. Assim como domicílios com presença de idoso tem menores chances de ter o domicílio com responsabilidade compartilhada. Esse resultado pode estar ligado ao fato de pessoas mais velhas terem culturalmente a ideia de hierarquia intrafamiliar.

Considerações finais

Os resultados desses modelos apontam que domicílio nos quais o nível de instrução é elevado entre os cônjuges ou se ambos tem o mesmo nível educacional, as chances desse domicílio ser de responsabilidade compartilhada é alta. Essa variável aparece em todas as análises como sendo primordial nas escolhas conjugais, na determinação do responsável e posteriormente como indicador de um domicílio com maiores chances de ser de responsabilidade compartilhada. Diante disso, é visível a importância da variável educacional no entendimento das relações de responsabilidade domiciliar entre casais.

Os modelos de responsabilidade domiciliar tiveram o objetivo de questionar o senso comum de que casais de mesmo sexo tendem a constituírem relações mais igualitárias. Nesse ponto, os modelos sugerem que somente uma “teórica” igualdade por sexo não necessariamente constitui uma igualdade no relacionamento. A pesquisadora Maria Luiza Heilborn, em seu estudo *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*, havia feito esse questionamento. A autora fez uso de uma abordagem qualitativa como entrevistas em profundidade chegou a conclusões em que mulheres são o tipo de casal mais igualitário em relação aos outros casais analisados (casais de homens, casais heterossexuais). Nesse estudo, os resultados sobre compartilhamento do domicílio apontaram para um maior compartilhamento entre homens. No entanto, não se pode pressupor que o tipo de igualdade apontado por Heilborn (2004) seja o mesmo que o quesito em um questionário quantitativo.

Quantificar a igualdade numa relação não é algo que esse estudo se propôs a fazer. O proposto, a partir de modelos logísticos, foi apontar fatores que influem na denominação do responsável pelo domicílio, assim como os fatores que caracterizam os domicílios de responsabilidade compartilhada. Os resultados apresentados sugerem que tanto a denominação do responsável pelo domicílio assim como o tipo de domicílio de responsabilidade compartilhada se diferenciam entre os casais de homens e mulheres.

Portanto, os resultados apresentados nesse estudo abrem margem para a discussão sobre o que realmente significa ser responsável por um domicílio e se essa terminologia ainda cabe dentro dos estudos quantitativos domiciliares. Além disso, esse trabalho contribui para os estudos quantitativos sobre casais de mesmo sexo ainda escassos na demografia.

Referências

GROSSI, M; UZIEL, A. P., E MELLO, L.(org.). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HEILBORN, M. L. *Dois é Par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

KLEINJANS, K. The man of the house - How the use of household head characteristics may lead to omitted variable bias. *Economics Letters*, 119. 133-135. 2013

LONG, J. S. *Regression Models for Categorical and Limited Dependent Variables*. Londres: SAGE Publications, 1997.

OLIVEIRA, S.; SABÓIA, A.L.; SOARES, B.C. *Gênero e Participação Social – dimensões preliminares da responsabilidade feminina por domicílios*. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002.

RIBEIRO, C. A. C.; SILVA, N. V. Cor, educação e casamento: tendência da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p.7-51, 2009.

PRESSER, H. Decapitating the U.S Census Bureau's "Head of Household": Feminist Mobilization in the 1970s. *Feminist Economics*. 4:3, 145-158. 1998.